

Contribuições do legado de Paulo Freire ao pensamento decolonial educacional e antirracista

Contributions of Paulo Freire's legacy to educational and anti-racist decolonial thought

Aportes del legado de Paulo Freire al pensamiento decolonial educativo y antirracista

Josiane Beloni de Paula  

Elison Antonio Paim  

Resumo

O texto decorre de estudos, leituras, debates e na tecitura da tese: *Andarilhagens de professorxs: práticas de resistências negras na escola pública em Pelotas – RS* (PPGE-UFSC), propondo pensarmos em ideias precursoras da decolonialidade, que não sejam uma invenção e sim um agregado de outras/os, trazendo o educador Paulo Freire como uma dessas possibilidades que se somam. Dessa forma, vamos conceituando colonialidade, decolonialidade e metodologia monodológica, em diálogo com Freire no par conceitual anúncio x denúncia, inédito-viável, ainda racismos e práticas antirracistas de resistências negras na escola, para assim construirmos formas outras de ser e estar no mundo, respeitando e constituindo um “olhar sensível”, percebendo a importância do olhar e re-aprendendo a ser antirracista.

Palavras-chave: Decolonialidade, colonialidade, educação, antirracismos, Paulo Freire.

Abstract

This text stems from studies, readings, debates and in the weaving of the thesis: *Wanderings of teachers: Practices of black resistance in public schools in Pelotas – RS* (PPGE-UFSC), proposing to think of ideas that precursor decoloniality, which is not an invention but an aggregate of others. Bringing the educator Paulo Freire as one of these possibilities. In this way, we conceptualize coloniality, decoloniality, monads and in dialogue with Freire the conceptual pair announcement x denunciation, unprecedented-viable, as well as racism and anti-racist practices of black resistance in school. In order to build other ways of being in the world, respecting and constituting a “sensitive look” with the so-called others, realizing the importance of the look and remaking oneself anti-racist.

Keywords: Decoloniality, coloniality, education, anti-racism, Paulo Freire.

Resumen

Este texto surge de estudios, lecturas, debates y en el tejido de la tesis: *Caminos (Andarilhagens) de docentes: Prácticas de resistencia negra en escuelas públicas de Pelotas – RS* (PPGE-UFSC), proponiendo pensar ideas precursoras de la decolonialidad, que no es un invento sino un agregado de otras. Trayendo al educador Paulo Freire como una de estas posibilidades. De esta manera, conceptualizamos la colonialidad, la decolonialidad, las mónadas y en diálogo con Freire el par conceptual anuncio x denuncia, inédito-viable, así como el racismo y las prácticas antirracistas de resistencia negra en la escuela. Con el fin de construir otras formas de estar en el mundo, respetando y constituyendo una “mirada sensible” con los llamados otros, dándose cuenta de la importancia de la mirada y rehaciéndose antirracista.

Palabras clave: Decolonialidad, colonialidad, educación, antirracismo, Paulo Freire.

Provocações para sentipensar

*Os ninguéns: os filhos dos ninguéns, os donos de nada.
Os ninguéns: os nenhuns correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos:
Que não são, embora sejam.
Que não falam idiomas, falam dialetos.
Que não praticam religiões, praticam superstições.
Que não fazem arte, fazem artesanato.
Que não são seres humanos, são recursos humanos.
Que não têm cultura, têm folclore.
Que não têm cara, têm braços.
Que não têm nome, têm número.
Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local.
Os ninguéns, que custam menos que a bala que os mata.
(Eduardo Galeano, O livro dos abraços, 1991)*

Em nosso país pessoas são cotidianamente assassinadas, especialmente os homens pretos jovens, simplesmente pelo fato de serem negros. Algo que ocorre também com os indígenas, que também são expropriados, expulsos de suas terras e silenciados, por se afirmarem enquanto indígenas. Além deles, inúmeros outros povos ao redor do nosso Planeta são diuturnamente massacrados pelo fato de serem diferentes, diferentes na cor, diferentes na sua religião, diferentes na sua sexualidade, considerados ninguéns.

Este artigo se constrói com base em estudos, leituras, debates diversos e na tecitura da tese intitulada *Andarilhagens de professorxs: práticas de resistências negras na escola pública em Pelotas – RS*, por (autor 2), na linha Sociologia e História da Educação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do professor (autor 1). A perspectiva aqui é trazer pensamentos acerca da constituição das ideias decoloniais e anunciadores dessa forma outra de pensar o mundo e a vida, como o educador Paulo Freire.

Trazemos o entendimento da decolonialidade em diálogo com conceitos de Freire, os quais nos permitem percorrer caminhos outros, como o par conceitual apresentado na tese citada, de denúncia e anúncio. Sendo a denúncia de uma sociedade, consequentemente da instituição escola, como racista; e o anúncio de práticas sociais e escolares de desmonte dos racismos vigentes. Além do conceito de inédito-viável, que são os momentos que possibilitam a saída da opressão e repetem-se sempre e novamente, criando assim outros caminhos.

Com os autores e autoras decoloniais, dialogamos com as colonialidades do poder, do ser, do saber, da cosmogônica do imaginário e da natureza, para compreendermos a realidade colonial e racista, na qual estamos inseridas/os, para assim podermos conhecer, respeitar e fomentar outras formas de ser e de estar no mundo.

Por fim, recorreremos aos exemplos abordados pelas narradoras da pesquisa por meio da organização de mônadas, que dialogam conosco e com os pensadores decoloniais como maneiras outras de sobrevivência às colonialidades e aos racismos, e de práticas de resistências negras na escola, abrindo caminhos, brechas, fissuras no sistema colonial, capitalista.

Sentipensar decolonial e freiriano

A construção da decolonialidade, a busca por um modo de vida outro, não foi um acontecimento como um estouro, é uma outra forma de ver o mundo que vem se alimentando de várias teorias e estudos. Partimos de reflexões produzidas e transformadas com as ideias, pensamentos de quem veio antes, do respeito ao já existente. Dessa forma, encontramos em autores como Paulo Freire o despertar precursor do pensamento decolonial e antirracista.

Trazemos aqui o nosso entendimento do que pensamos enquanto decolonialidade, como nos inspira Walsh, de

[...] que a decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Portanto, decolonialidade visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas (Walsh, 2007, p. 7).

A decolonialidade como sendo o anticolonialismo e as colonialidades como sendo marcas, traumas, dores, deixadas e infligidas aos povos colonizados, marcas essas que parecem produzidas pelos povos, pois são naturalizadas, como a língua “materna”, a do colonizador, enquanto os povos indígenas e africanos construíram uma diversidade de línguas. Além disso,

[...] a decolonialidade, não só como uma teoria, mas como um projeto de vida, trazendo outra forma de ser, de olhar, despertar o “olhar sensível”, causando uma dobra, uma fissura, rasura ou fratura, para ver além, respeitando formas outras de reinvenção na colonialidade, a qual vivemos, somos educadorxs¹, necessitamos de um cuidado com os discursos, com os tipos de lentes que usamos para reelaborar a realidade, um compromisso com x outrx, com o ser, com as diferenças (Paula, 2020, p. 178-179).

Analisando e estudando a vida e a obra de Paulo Freire, estudioso, educador e incentivador de outras perspectivas na educação, podemos perceber embriões do que hoje defendemos na decolonialidade, como quando pensamos no conceito de práxis, que perpassa globalmente seu pensamento, indo além da relação entre teoria e prática. Nas palavras de Freire (1978, p. 29), “Agora, nenhuma separação entre pensamento-linguagem e realidade objetiva. Daí a leitura de um texto demanda a ‘leitura’ do contexto social ao qual ela se refere”.

Segundo Freire (1978), dizer a palavra é definir o seu lugar na história. Trazendo para reflexão as colonialidades, desenvolvidas pelos autores decoloniais para

¹ Uso a letra “x”, em vez dos gêneros binários, que representam feminino e masculino, para abranger a todos, concordando com a linguista Catherine Walsh, quando afirma que “El uso de la ‘x’ es una opción - de hecho lingüísticamente insurgente y desobediente - para contrarrestar el género binário” (Walsh, 2017). Usando o “x”, tentamos desobedecer a lógica imposta, e lembrando dxs “outrxs”. Portanto, quando o “x” aparecer no texto, significa se tratar de homens, mulheres e demais sujeitos que não se identificam com o sistema binário de classificação sexual, ou seja, negros, negras, negres, professores, professoras (Walsh, 2017).

compreensão de que saímos da colonização, tornamo-nos uma nação independente, no entanto, ainda vivemos sem dizer a nossa palavra, sem contarmos outras histórias.

O projeto de apagamento e inferiorização por meio das colonialidades materializa-se a partir de quatro eixos: a colonialidade do poder (Quijano, 2005), a colonialidade do saber, a colonialidade do ser e a colonialidade cosmogônica do imaginário e da natureza. A do poder tem como um dos seus pilares a racialização e a raça como fator de classificação, bem como de controle social. É o racismo como pedra angular para a dominação das(os) outras(os), os quais não detêm o poder. Nesse sentido,

O racismo é um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades, subjetividades, de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, hiper-humanizados, etc., acima da linha do humano) e outras formas e seres inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano) [...] (Grosfoguel, 2018, p. 59).

Para a concretização da colonialidade, a noção de raça foi calcada na hierarquização entre os diferentes grupos humanos dos demais continentes que não fossem europeus. Desse modo, raça se constituiu como

una manera y un resultado de la dominación colonial moderna, pervadió todos los ámbitos del poder mundial capitalista. En otros términos, la colonialidad se constituyó en la piedra fundacional del patrón de poder mundial capitalista, colonial/moderno y eurocentrado. Tal colonialidad del poder ha probado ser más profunda y duradera que el colonialismo en cuyo seno fue engendrado y al que ayudó a ser mundialmente impuesto (Quijano, 2017, p. 18).

A colonialidade do saber articula-se na perspectiva eurocêntrica como detentora da razão, do conhecimento e do pensamento, visíveis nas matrizes acadêmicas de produção de conhecimentos. Quantos dos pesquisadores africanos e asiáticos são referências nas nossas pesquisas? A colonialidade do saber age de maneira a desqualificar toda e qualquer outra forma epistêmica e outros conhecimentos que não incorporem a matriz europeia.

A colonialidade do ser, por sua vez, é vivenciada por meio da inferiorização, subalternização e desumanização de alguns grupos humanos. A cosmogonia da mãe natureza e da vida desconsidera “o mágico-espiritual-social, a relação milenar entre os mundos biofísicos, humanos e espirituais – incluindo dos ancestrais, espíritos, deuses e orixás” (Walsh, 2009, p. 10). Tal colonialidade pode ser evidenciada na desvalorização das religiões de matrizes africanas, bem como nos diversos cultos indígenas.

O educador Paulo Freire apresenta uma importante contribuição ao pensamento decolonial ao defender uma pedagogia que, a partir dos efeitos perversos da subalternidade, contraditoriamente, corroborou a criação de alternativas de resistências. No Brasil, a resistência se traduz em práticas antirracistas a outras formas de ser e estar no mundo, permeando debates de diversas ordens, como inclusão de todas/os, com suas diferenças, raças, crenças, sexualidades etc. Nesse sentido, Catherine Walsh (2013, p. 50)

afirma que Paulo Freire “hace posicionar la epistemología, el acto de conocer, como elemento cêntrico do su pensar-hacer pedagógico. Conocer la realidad para poder transformala, es para Freire, acción necessária para enfrentar la opresión y humanización”.

Este estudo argumenta com base em Freire, com suas ideias, e apoia-se também no debate trazido na tese intitulada *Andarilhagens de professorxs: práticas de resistências negras na escola pública em Pelotas – RS* (Paula, 2020), que aponta ações positivas de superação do preconceito e práticas de resistências negra em salas de aulas, valorando a presença negra na sociedade brasileira em um evento que trabalhou com a realidade da escola – Encontro sobre o Poder Escolar² –, criando mônadas com as falas das/os parceiras/es que foram entrevistados.

As mônadas são construídas em diálogo com o pensamento do filósofo berlinense Walter Benjamin, para quem as mônadas são fragmentos de um pensamento traduzido pela narração que contém um todo, ou seja,

A ideia é mônada, nela reside, preestabelecida, a representação dos fenômenos, como sua interpretação objetiva. [...] a ideia é mônada, isto significa, em suma, que cada ideia contém a imagem do mundo. A representação da ideia impõe como tarefa, portanto, nada menos que a descrição dessa imagem abreviada do mundo (Benjamin. 2011, p. 36-37).

As mônadas são construídas a partir de narrativas conduzidas a partir de perguntas sobre as experiências vividas pelos narradores e narradoras. Na sequência, recortamos, organizamos e trabalhamos as narrativas de maneira a abordar temas específicos, construindo “constelações”. Inspiradas nas concepções de Benjamin (1994a), essas constelações expressam a relação entre as estrelas e as linhas imaginárias que as conectam, revelando um significado coletivo. Assim, as mônadas apresentadas em cada escrito da pesquisa são tecidas com base nas memórias e experiências das pessoas entrevistadas, entrelaçando suas subjetividades e identidades. Esse processo permite emergir significados profundos, criando um conjunto coeso que vai além da simples soma das partes, evidenciando a riqueza das experiências vividas e os universos complexos que as compõem.

Desse modo, vamos percorrendo um caminho com conceitos e práticas que vislumbram lutas e ações contra os racismos, os preconceitos e por outra visão de mundo possível, respeitando as diferenças.

Paulo Freire (2000, p. 39) nos apresenta um par conceitual, a denúncia e o anúncio: denúncia de uma sociedade racista, que traz, como nos mostram os pensadores decoloniais, o racismo como pedra angular, a qual funda a ideia de sociedade na colonização, denominando a/o outra/o como o não ser, uma realidade desumanizante; e o anúncio de uma realidade em que os seres humanos possam ser mais, o que Freire

² Um grupo de educadores preocupados com a formação permanente participou de eventos em Porto Alegre (de 1994 a 1999) que contou com a participação de pesquisadores e autores de todos os continentes, e que tiveram o desejo de alcançar mais profissionais na região sul do Brasil para discutir novas experiências. Disso surgiu, em 2001, o 1º Encontro Sobre o Poder Escolar (Na pesquisa foram citadas as primeiras 10 edições).

explicita quando anuncia que faz parte do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação.

Outro conceito que acompanha os debates da denúncia e do anúncio é o de situação-limite, ou seja, a dependência, como por exemplo, a situação da/o negra/o na sociedade brasileira, de imensa desigualdade, com muitos obstáculos e barreiras a serem enfrentadas, tanto na vida pessoal como na social. O que leva as/os educadoras/es a pensarem, criarem e reinventarem para desvelarem as situações-limites para que para a/o sujeita/o construa o pensamento crítico em diálogo com o inédito-viável. Assim,

O inédito - viável não é, pois, uma simples junção de letras ou uma expressão idiomática sem sentido. É uma palavra na acepção freiriana mais rigorosa. Uma palavra-ação, portanto, práxis, pois não há palavra verdadeira que não seja práxis, daí, quer dizer que a palavra verdadeira seja transformadora do mundo. Uma palavra epistemologicamente empregada por Freire para expressar, como enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos das possibilidades humanas (Freire, 2010, p. 224).

A tese *Andarilhagens de professorxs: práticas de resistências negras na escola pública em Pelotas – RS* vem trazendo a denúncia do racismo na escola e, conseqüentemente, na sociedade, sendo a situação-limite, enquanto o anúncio de práticas escolares e cotidianas que possibilitem a transformação dessa situação, que é o inédito-viável.

Para nos auxiliar no entendimento dessas práticas de resistências na escola como sendo brechas, fissuras, grietas, embasamo-nos em Catherine Walsh (2017), que as trata como espaços criados que passam a luz, esperando e buscando intervenções no currículo eurocentrado e homogeneizante, para que sempre possamos resistir. Desse modo:

Las grietas así requieren um refinamento del ojo, de los sentidos y de la sensibilidad para poder ver, oír, escuchar y sentir lo muy otro deviniendo y siendo, y para reconocer en ello la esperanza pequena que no solo grita, sino también afirma y camina vida (Walsh, 2013, p. 11).

Sentipensar com professoras e professores

Dialogamos com as/os parceiras/os, entrevistadas/os que nos relatam e com os quais construímos o diálogo, por meio das mônadas.³ No rememorar do professorado, suas práticas de resistências na escola, práticas de quem vê e vive a educação, como nos incentiva Walsh, ocorre um processo de construção de uma pedagogia decolonial, baseada na práxis propositiva, não somente denunciativa. E para a inspirar, Walsh se referencia em Paulo Freire e Frantz Fanon.

³ Na metodologia monadológica, entrevistas de narrativas passam por uma transcrição, ou seja, pela construção de fragmentos que contêm sentido, uma imagem que lampeja, uma parte que contém o todo, pois, ao ler uma mônada, pode-se contextualizar, compreender x sujeito no tempo e no espaço, características da experiência ali apresentada (Paula, 2020, p. 63).

Nessa perspectiva, o que registramos são aprendizados, os quais passam a ter significados e ressignificados ao longo do caminho da investigação, por se tratarem de memórias, de experiências. Rememorações que conferem sentido e movimento à pesquisa. As descobertas não são enquadradas em teorias para explicar a realidade, são o eco da pluralidade das vozes que dialogam. São teorias para pensares outros e não para determinar resultados apagando o vivido.

Com esse diálogo, pesquisadoras/es, teóricas/os e parceiras/os vão construindo a pesquisa e saberes outros, e nesse processo as vozes surgem transformadas em mônadas, por meio da metodologia monadológica.

Nas palavras das/os professoras/es, rememorando suas experiências práticas apresentadas no Encontro Sobre o Poder Escolar⁴ sobre a necessidade de trabalharmos de forma a construir práticas antirracistas, temos os seguintes registros:

Como não trazer essas questões sociais, raciais?

Independentemente de como, eu tinha que ter um viés onde isso entrasse. Poderia não fazer parte do conteúdo, poderia não fazer – eu, sendo professora de educação física, as pessoas poderiam dizer — Ah, mas como? Em todos os sentidos tu tens como trazer isso! Na dança⁵, nem se fala! Porque a própria dança, ao tu trabalhar com os temas, ao tu trabalhar com a questão da dança afro – não só quando é dança afro, mas qualquer outra – tu vais trazer as questões. Mas a sala de aula da educação física, meu Deus do céu! Como não trazer essas questões sociais, raciais, né? Ainda mais hoje em dia, se tu pegares o esporte, a questão esportiva está ali, declarado, hoje, o ódio dentro dos estádios, com questões que tu pegas ali, ao vivo e a cores – como se diz – para trabalhar com os alunos! Isso sempre veio, né? E dentro do ensino superior, também. Ali, nem se fala! E aí, a gente se depara, assim, de como há, ainda, um desconhecimento da história. É muito cruel! Porque há um desconhecimento e há uma cultura de ódio, muito grande! E a gente tem que trabalhar. Tem que trabalhar (Maritza, julho de 2017).

Chutou a bola no tambor, de fora da aula para dentro, e disse “Macumba”!

Estava trabalhando com a turma lá, e chutou a bola para dentro da aula, Tchê! Deixei os guris ali, trabalhando um pouco os instrumentos; aí estava a outra turma de Educação Física – que a professora era negra e tem sensibilidade para a questão –, um aluno dela chutou a bola no tambor, de fora da aula para dentro, e disse — Macumba!!! Ótimo! Não precisa perseguir o guri. O que é macumba? Por que fez isso com a macumba? Porque no tambor, e por que não faz isso com a aula de Matemática? Aposto que tu gostas muito menos do que o som desse tambor, aí! [...] Mas, um pouco isso, né? A gente também ter essa perspicácia assim, de um momento, ou outro, trabalhar, assim, para aproveitar oportunidades⁶. Nesse sentido. Se juntar com outros! Isso é coisa legal, também. É coisa legal se juntar com outros colegas. A gente consegue debater, por exemplo, eu e a Carol, o Maicon, que é de Educação Artística. E começamos a chamar outros. Então, por exemplo, a Semana da Consciência Negra no ano passado foi mais atropelado; mas, no outro ano, a gente conseguiu fazer (acho que) mais de uma reunião! Preparando, vendo quem que ia chamar. Se juntar com outros, também. E ir botando o pé, né. Aos pouquinhos. Eu acho que, agora, tem essa questão aí, de que não é só o negro. Às vezes,

⁴ Esse encontro foi pensado para debater o chão da escola, os desafios, as vitórias e os percalços ao longo do fazer-se professorx e construir aulas. Com o passar do tempo, além de ter tomado grandes proporções, o encontro foi agregando toda comunidade escolar (Paula, 2020).

⁵ Experiência apresentada em 2001 na 1ª edição do Encontro sobre o Poder Escolar, intitulada *Diversidade cultural e processo de escolarização: implicação nas práticas pedagógicas*. Destaco que nas próximas duas edições do evento a professora Maritza apresentou trabalhos referentes à dança.

⁶ Experiência apresentada em 2002, na 2ª edição do Encontro sobre o Poder Escolar, com título *Corporeidade negra e popular nos ambientes da escola e da rua*.

eu notava que os meus alunos ficavam constrangidos, os alunos negros. “—Ah, porque aconteceu isso; a escravidão; ba, ba, ba, ba, bah...”. Agora estou começando a olhar outro foco. “Pera aí. Nós, brancos, aqui. O que a gente fez? O que a gente faz, hoje?”. Eu digo! A minha sobrinha é contra as cotas! A sobrinha, o namorado, que a minha sobrinha é filha da minha irmã que sempre foi crítica, de esquerda, e a filha dela é uma... “Acho que tem que ser para pobre!”. Aí, espera aí, vamos ver. O pobre que veio lá da serra, por exemplo, o pobre italiano – que é verdade; muitos foram até para o MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra], para o acampamento, porque “ganharam” uma propriedadezinha. Aí foram as gerações passando, a propriedadezinha não aumentou! E aquela filharada vai fazer o que? Foi para o MST! Lutaram; outros “ganham” assentamento. E a filharada dos negros, que não “ganharam” nada, como é que...? Então, por que cotas? Por que não... entende? Eu acho que precisa formação, é verdade. Não é um tema que vai de qualquer jeito, porque ele vai sofrer ataque. Tenho certeza. Vai sofrer ataque. Então, a professora, lá, que é mais política, se posiciona, tem pai que vai questionar – mesmo em escola pública de periferia (Sinval, julho de 2017).

Hoje, se a gente fosse fazer intervenção dentro do espaço da escola, isso ecoaria

Eu sempre penso que o conhecimento não deve ficar só para a gente. Na medida que [tu] consegue desenvolver um trabalho dentro do espaço da escola, e que esse trabalho ele acaba saindo para fora dos muros da escola, é, também, uma forma da gente estar podendo contribuir com a Educação, no sentido de estar socializando esses conhecimentos que a gente adquire. Ao mesmo tempo, está, também, socializando os trabalhos que a gente vem realizando. Muitas das vezes, a gente acha que é difícil, ou que a gente é incapaz de fazer determinadas questões acontecerem dentro do espaço da escola. Esses trabalhos, na verdade, nos mostraram o quanto é possível a gente, também, modificar – e eu acho que, aí, é o mais importante – modificar o espaço da escola⁷. Através de vários trabalhos, eu percebi que foi possível fazer com que os colegas também parassem, pensassem nas coisas que estavam acontecendo; não eram trabalhos específicos meus, direcionados só para a aquela prática que eu tinha, mas eram trabalhos que traziam problemáticas a serem pensadas, a serem refletidas, desse espaço que é o espaço da escola. [...] Da minha parte pessoal, elas sempre tiveram continuidade. E, assim, situações em que eu não estava, na verdade, mais no espaço da escola, ou não estava no espaço da escola enquanto professora, eu tive a grata satisfação que alguns colegas deram continuidade no que vinha sendo desenvolvido. Então, eu penso que também isso é algo muito importante, das coisas, já que são frutos do espaço da escola, não serem de A ou de B; que todos possam, na verdade, começar a dar conta, começar a se sentir... não proprietários, mas sentir fazendo parte daquele trabalho, daquela reflexão, e poder dar continuidade ao trabalho. Então, independente de eu estar ou não na sala de aula, ou, possivelmente, nos momentos que estive na coordenação ou na direção, esses trabalhos sempre tiveram uma continuidade. [...] Durante esse período, embora eu tenha uma postura, talvez, diferenciada de alguns colegas, eu, toda vez que pude estar presente, dentro de um espaço da escola, numa situação que eu considere, e, na verdade, se pensava de forma racista – eu intervi; mas, a gente sabe que, mesmo no meu período dentro da escola, e, agora, hoje, ainda, tem muitos. Experiências apresentadas em 2010, na 10ª edição do Encontro sobre o Poder Escolar, com título *A Semana da Consciência Negra dentro da escola: Espaço de Conhecimento e Resistência*. 156 colegas que fazem... vou trazer uma fala que não é minha, embora eu não lembre de qual autor é, mas que ele diz que as pessoas se fazem de avestruz. Não enxergo, não vejo, enfim, e aí, não atuam sobre aquela ação que estão vivenciando. Eu penso que, dentro do espaço da escola, ainda tem muito o que se fazer, com relação a isso. Mas acho que já melhorou, também; já melhorou bastante. Acho que a gente já consegue, nos dias de hoje, um espaço maior, inclusive, para refletir, para debater, porque, no período que eu comecei a fazer intervenção, tá bem, eu fazia intervenção, mas isso não ecoava. Hoje, se a gente fosse fazer intervenção dentro do espaço da escola, isso ecoa. Então, eu penso que, também, por um lado, tem esse lado positivo, de a gente poder estar expressando livremente o que a gente pensa, para a gente tentar mudar essa realidade. Como eu já

⁷ Experiência apresentada em 2010, na 10ª edição do Encontro sobre o Poder Escolar, com título *A Semana da Consciência Negra dentro da escola: Espaço de Conhecimento e Resistência*.

disse: eu acho que ainda nos falta muito! Essas coisas ainda continuam acontecendo. Mas eu sempre digo para as pessoas que eu tenho esperança na Educação. Eu acho que é possível, ainda, a gente conseguir chegar em um patamar – principalmente dentro do espaço da escola – que as pessoas comecem a se respeitar mais, e ter uma boa convivência. Porque, na verdade, também a questão racial traz um pouco de religiosidade para as pessoas! E aí fica aquela coisa do grupo que é militante, e que defende, do grupo que se diz racista, e continua com as ações racistas, e isso é um problema, também, de espaço da escola. Eu acho que ainda falta muito, mas a gente já avançou bastante. Em duas gestões, na verdade. Eu tive uma gestão de 2001 – 2004 na Secretaria Municipal de Educação aqui de Pelotas; e, depois, de 2011 – 2014, tanto na 5ª Coordenadoria como lá na Secretaria Estadual, porque eu fazia um triângulo amoroso (risos)... que depois vem o meu período de mestrado, e eu fazia um triângulo amoroso entre Pelotas, Porto Alegre e Jaguarão... (Marielda, julho de 2017).

Com as lembranças dessas/es professoras/es trazemos a resistência, conceituada pelo educador Paulo Freire como o oposto de desistência. A resistência é a prática de rever conceitos da visão dominante, ampliando o olhar para outras formas de ser e estar no mundo; por meio dos quais as/os professoras/es nos mostram seus despertares, suas realizações na escola, seu processo de conquistar mais parceiras/os para um trabalho difícil, de resistência, necessário, mas que ainda enfrenta adversidades das mais variadas, desde a/o professora/r não se engajar até se manifestar contra, sabendo que é.

Para seguir sentipensando

Para não concluir, mas sim provocar um pensar diferente, por um viés outro, é importante olharmos para os acontecimentos como um caleidoscópio, aguçando um “olhar sensível”, ou seja, olhar como ainda não tínhamos parado para olhar, pois muitas vezes vemos, mas não olhamos, pois “ver” é imediato, sem interesse, não aguça nossa experiência, não traz ação e não provoca atitudes. Já “olhar” é analítico, traz sentimento, sensibilidade, requer atenção, minúcias, perspicácia, contemplação. O que nos leva a experimentar, estar com.

Como já dissemos, são várias/os pensadoras/es que foram ouvidas/os, lidas/os ou estudadas/as para se construir ideias, que hoje nominamos de decolonialidade. Dentre eles, destacamos o sociólogo Orlando Fals Borda, com o conceito do sentipensar, como sendo um despertar na construção das/os intelectuais, dessa sensibilidade no olhar, constituindo-se como seres do sentipensante, ou seja, educadoras/es comprometidas/os com a transformação social, que levam em conta a vida e suas experiências, além da ciência purista; são aquelas/es que se comovem e agem para reduzir o sofrimento das/os outras/os (Mota Neto, 2016).

Nesse processo, vamos nos desconstruindo e desaprendendo. Estamos em um processo de desconstrução dos nossos racismos, das nossas branquitudes, e desaprendendo muito daquilo que enquanto professores da universidade e da educação básica de anos iniciais silenciávamos. Esse processo de desconstrução e de desaprendizagem são tentativas de nos decolonizarmos nas relações com as resistências, nas (re)existências e (re)vivências, conforme nos instiga Catherine Walsh (2013).

A construção de uma educação antirracista se dá por meio do diálogo compreendido como categoria central, afinal, segundo Paulo Freire (1996), é por meio do diálogo que podemos vislumbrar a educação libertadora. Nesse caminho, o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo. Com o diálogo podemos dizer o mundo de nossa perspectiva. Além disso, o diálogo implica a práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e a nossa ação humanizadora, abrindo caminhos para repensar a vida em sociedade, debater sobre nosso lugar, sobre a educação, especialmente sobre a educação antirracista, a linguagem que praticamos e a possibilidade de ação de outro modo de ser, de saber e de agir que transforme o mundo.

Assim, trazemos mais uma vez como referência Paulo Freire (1980, p. 42), afirmando que,

[...] diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial.

Nesse sentido, compreendermos ser fundamental o diálogo com as memórias e experiências de professoras e professores que estão no cotidiano da Educação Básica fazendo a luta antirracista, “gritando” e ampliando as “grietas”, conforme nos ensina Catherine Walsh (2020).

De acordo com Muniz (2019, n.p.), ao citar a professora e filósofa Ângela Davis, “não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”, e isso nos remete à escola como um espaço político que, por direito e dever, precisa se preocupar com uma formação antirracista.

No entanto, é fato que as leis sejam conquistas históricas de movimentos organizados, no entanto, existe um hiato entre o ideal e o real. Apesar de preconizar a formação de professores para o combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação, ainda são muitas as demandas que se estabelecem nas relações dentro das unidades escolares, que representam uma parte da sociedade em que o “racismo cotidiano”, como nomeia psicóloga e escritora Grada Kilomba (2020), faz-se presente cotidianamente e, na maioria das vezes, de forma dissimulada.

Referências

BENJAMIN, Walter. A infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994b.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Edição e Tradução: João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Inédito viável. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 70-71.

FREIRE, Paulo. **Cartaz a Guiné-Bissau**. Registros de uma experiência em processo. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 2. ed. Tradução: Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 1991.

GROSFOGUEL, Ramón. Para uma visão decolonial da crise civilizatória e dos paradigmas da esquerda ocidentalizada. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Ramón (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 55-77.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2020.

MOTA NETO, João Colares da. **Por uma Pedagogia Decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

MUNIZ, Veyzon Campos. Em políticas públicas “não basta não ser racista, é necessário ser antirracista. **Justificando**, 24 maio 2019. Disponível em: <https://www.justificando.com/2019/05/24/em-politicas-publicas-nao-basta-nao-ser-racista-e-necessario-ser-antirracista/>. Acesso em: 8 jun. 2020.

PAULA, Josiane Beloni de. **Andarilhagens de professorxs: práticas de resistências negras na escola pública em Pelotas - RS**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

QUIJANO, Aníbal. ¡Qué tal raza! *In*: SEPTIEN, Rosa Campoalegre; BIDASECA, Karina Andrea (ed.). **Más allá del decenio de los pueblos afrodescendientes**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2017. p. 17-26.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. *In*: LANDER, Edgardo. (org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227-277

WALSH, Catherine. ¿Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. **Nómaditas - Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas**, Colômbia, n. 26, p. 102-113, abr. 2007.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7letras, 2009. p. 12-42.

WALSH, Catherine. Interculturalidade y (de)colonialidade? Gritos, grietas y siembras desde Abya Yala. *In*: LOSACCO, José Romero. **Pensar distinto, pensar de(s)colonial**. Caracas – Venezuela: Fundación Editorial El perro y la rana, 2020, p. 139-178.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales**: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo II. Quito: Editora Abya-Yala, 2017. Serie Pensamiento Decolonial.

Narradorxs

Marielda Barcellos Medeiros. Entrevista concedida a Josiane Beloni. Pelotas, 19 de julho de 2017. [Gravação digital transcrita, acervo da autora].

Maritza Flores Ferreira Freitas. Entrevista concedida a Josiane Beloni. Pelotas, 20 de julho de 2017. [Gravação digital transcrita, acervo da autora].

Sinval Martins Farina. Entrevista concedida a Josiane Beloni. Pelotas, 17 de julho de 2017. [Gravação digital transcrita, acervo da autora].

Josiane Beloni de Paula

Doutora em Educação pela UFSC, Integrante do Grupo de Pesquisas Patrimônio, Memória e Educação (PAMEDUC-UFSC), Colaboradora do Projeto de pesquisa: Arte, Infâncias e Interculturalidade: Desafios e possibilidades para o trabalho com o tema das Relações étnico-raciais na educação infantil. Professora da rede municipal de Natal/RN e da estadual do RN.

Elison Antonio Paim

Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Convênio UFSC e Universidade Nacional do Timor-Leste. Membro do Conselho Científico do Mestrado em Ensino de História de África do ISCED-Huíla – Angola. Pós-Doutor pelo Instituto Superior de Ciências da Educação (ISCED-Huíla-Angola). Doutor em Educação (Unicamp), Mestre em História (PUC-SP) e Graduado em História (UFSM). Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. Membro da Cátedra Antonieta de Barros de combate ao racismo UFSC-UNESCO. Membro da Rede Latino-Americana de Diálogos Decoloniais e Interculturais (Redyala) e dos grupos de pesquisa Pameduc (UFSC), Rastros (USF) e Kairós (UNICAMP).